

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15435 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Arte, Educação, Linguagens e Tecnologias

BIBLIOTECA NO RIO ARAPIUNS: ALDEIA MURUCY

Zair Henrique Santos - UFOPA

BIBLIOTECA NO RIO ARAPIUNS: ALDEIA MURUCY

Resumo:

O Projeto levar a ler em lugares distantes desenvolve atividades de Pesquisa e Extensão na região Oeste do Pará, construindo ou revitalizando bibliotecas e lugares de ler em escolas urbanas, comunidades ribeirinhas, quilombos e aldeias indígenas. A biblioteca da aldeia Murucy é resultado do questionamento: quais os limites e as possibilidades de levar a ler em uma aldeia indígena? Por meio da metodologia da pesquisa-ação que parte de uma problemática levantada pela própria comunidade com caráter de intervenção que envolve as pessoas do lugar como investigadores e transformadores de sua própria realidade os aldeados participaram coletivamente na construção e nas atividades pedagógicas geradas por uma biblioteca. É inconteste na aldeia a valorização da leitura como um bem, existe até um certo comprometimento das pessoas com a educação escolar, porém ao fim do Projeto alguns questionamentos surgiram: Por que é tão difícil se consolidar nos lugares distantes os projetos educacionais? Quais as razões de uma biblioteca não ser tomada como um bem coletivo pela comunidade?

Palavras-chave: Educação; Leitura; Biblioteca; Lugares distantes; aldeia Murucy

O presente trabalho é resultado de iniciativas que começaram na aldeia Murucy, rio Arapiuns no ano de 2017, quando o programa de extensão Lelit – “Ler literatura – viver e aprender”, especialmente na linha de ação “Levar a ler em lugares distantes” cuja finalidade precípua é a criação ou revitalização de bibliotecas escolares, bibliotecas comunitárias, salas de leitura, construção de lugares de oferta de livros, como armários e estantes, desenvolveu ações de ler que culminaram na construção e inauguração da Biblioteca com 700 livros infantojuvenis, além de dicionários em língua portuguesa, revistas científicas e livros na Língua Nheengatu. A construção do espaço contou com o empenho coletivo da Aldeia, e os livros foram doados por duas educadoras paulistas.

Nos anos de 2018-2019, a Aldeia contou com duas bolsistas indígenas da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) que desenvolveram atividades de leitura; organização de saraus; oficinas de escrita; rodas de conversas com os anciãos e alunos da aldeia; catalogação dos livros; empréstimos, além de publicizar o resultado de suas atividades por meio de

seminários regionais, locais e em outras aldeias do Território.

Porém, em 2020 o mundo passou pela pandemia de Covid-19. Os lugares pobres e os povos tradicionais foram os mais atingidos pela doença, o isolamento se tornou uma questão de vida e o trabalho da educação escolar indígena da Aldeia foi totalmente desmontado diante da incerteza da vida, só três anos depois é que a escola começa a voltar a “normalidade”.

A Aldeia Murucy/rio Arapiuns, geograficamente, é um lugar distante da cidade de Santarém. Em barco-motor de médio porte, leva-se o tempo de 08 horas de viagem, tendo como ponto de partida a cidade de Santarém-PA. A Comunidade tem mais de 70 famílias que vivem da pesca, caça, coleta e da agricultura, porém o conceito de lugar distante vai mais além, envolve comunidades que se situam na periferia do capitalismo, não é apenas distância geográfica, mas também de oportunidades, de direitos fundamentais, como posto de saúde, melhores estruturas da escola, meios de comunicação, água potável, alimentação.

A Comunidade possui uma Escola Indígena chamada Anama Julieta que oferece turmas de Fundamental I, Fundamental II, com as disciplinas de Língua Nheengatu e Notório saber. Geralmente os filhos deste lugar cursam o Ensino Médio do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) na Comunidade de São Pedro que faz extrema com a Aldeia. Muitos alunos viajam distâncias a pé ou remando em pequenas embarcações para chegar à escola. A escolha do lugar para a ação intervencionista se dá a partir da demanda apresentada pela Aldeia.

A construção da Biblioteca e o seu funcionamento se juntou aos esforços do movimento indígena, além da mobilização de educadores, gestores, comunitários, estudantes, entusiastas da cultura arapiun que lutam por educação escolar na Aldeia diferenciada e que têm a biblioteca da comunidade como órgão vital para a aquisição do conhecimento científico, pois nesse lugar distante não circula muito material escrito e os livros desempenham um papel formativo fundamental quando “rodados” por professores que se dedicam à leitura; produção de resumos; empréstimos de livros; indicação de leituras; atividades pedagógicas em conjunto com os acadêmicos do Programa Lelit; organização de saraus de leitura, etc. Os resultados dessa pesquisa-ação foram vários: primeiro foi a realização de um sonho para mais de 300 pessoas do lugar, a construção e o funcionamento de uma Biblioteca, depois, a publicação de artigos pelos bolsistas e orientador; dissertação de Mestrado; relatórios; participação em eventos nacionais e internacionais.

É válido ressaltar que o objetivo não foi só funcionar uma Biblioteca, mas, acima de tudo, formar valores, através da leitura, pois segundo Britto (2012):

Promover literatura, promover leitura enquanto ação política significa que estamos interessados não em promover a leitura em si, mas sim em promover um conjunto de valores e comportamentos humanos dignos necessários para a própria condição humana, e que estão, de alguma maneira muito importante, expressos e fundamentados na experiência artística. Estão expressos e fundamentados no texto e

Urge a necessidade cada vez mais de contrapor à visão domesticadora de leitura. É preciso postular o leitor crítico, como destaca Ezequiel Theodoro da Silva (1998, p. 33):

Numa sociedade como a nossa, onde se assiste à reprodução eterna das crises e à naturalização da tragédia e da barbárie, a presença de leitores críticos é uma necessidade imediata de modo que os processos de leitura e os processos de ensino da leitura possam estar vinculados a um projeto de transformação social.

O leitor crítico será, então, aquele que, na leitura, se afirma e se reconhece com parte do processo de produção de sentido; não toma impunemente a palavra alheia e a reproduz, mas, sim, mesmo quando concorda com o autor do texto, dirige a ele sua contrapalavra, assumindo para si o que foi enunciado por outro (Geraldi 2012). Caso contrário, ele se desfaz como sujeito, se aliena da vida e do conhecimento.

No que tange à metodologia, usamos o método da pesquisa-ação que exigiu caráter interventivo e colaborativo, o qual se caracteriza por um conjunto de métodos e técnicas de pesquisa, extensão, ensino, avaliação, gestão, planejamento, cujo denominador comum é o princípio da participação, em diversas formas e graus de intensidade, de todos os atores envolvidos nos problemas que pretendem solucionar. (Thiollent; Silva, 2007).

Nesse sentido, a metodologia de trabalho em que se organizou o projeto previu um conjunto de ações de verificação do lugar e de estabelecimento de vínculo com os comunitários como base inicial da ação, condições sem a qual nada poderia acontecer. Mas também foram usados outros instrumentos, a saber: produção de relatos (orais e escritos); registro de campo, rodas de conversa, oficinas de leitura, depoimentos e memórias.

A escola indígena Anama Julieta foi (e é) um espaço importante para as atividades de ensino, tanto nas atividades de formação dos bolsistas do Projeto, incluindo um indígena do Ensino Médio pertencente aquele lugar, diálogos de aprendizagens com os professores do lugar, conversa com os aldeados.

O objetivo geral do Projeto foi Levar a ler de forma crítica, através do acervo da Biblioteca indígena da Aldeia, possibilitando o acesso a livros de literatura e de formação geral e a experiência leitora, buscando articulação entre cultural local e cultural universal.

No transcorrer das atividades científicas foram acontecendo as rodas de conversa com lideranças indígenas da Aldeia e assim foi ocorrendo a troca de saberes; a construção do lugar de ler foi marcado por promoções comerciais e puxirum comunitário sempre marcado por narrativas de caçadas; origem do lugar; presença do imaginário social; receitas de remédios; café com macaxeira; bolinhos de polvilhos; tapiquinhas; festival indígena; confecção de artesanato; bebidas: açaí, bacaba, tarubá etc., tudo isso, trouxe para os acadêmicos um pouco

do conhecimento sobre o 'povo Arapiun.

Por outro lado, os acadêmicos ofertaram oficinas sobre leitura para os professores do lugar; atividades pedagógicas de leitura com os discentes do lugar; Leituras públicas nas salas de aula; organização de sarau de leitura tanto na língua portuguesa como em Nheengatu.

As atividades pedagógicas e científicas na Aldeia Murucy descortinaram mais indagações do que respostas, a partir destas ações houve uma maior interação entre o Grupo de Pesquisa e a cultura Arapiun, pois não só “*levamos a ler*” como também “*recebemos*” sobre os cantos, cosmologias, danças e outras manifestações culturais do lugar. O trabalho pedagógico de levar a ler ocorreu em parceria com os aldeados, sendo que, em alguns momentos, o protagonismo foi todo deles, uma vez que na oralidade desses povos tradicionais circulam algumas matrizes de narrativas presentes nos gêneros literários escritos de contos, poemas, causos, crônicas e romances.

Outra constatação que a investigação trouxe foi que um lugar de ler bem organizado e com pessoas com uma boa formação em leitura o incentiva a ler. Os alunos indígenas do lugar folheiam as novidades que chegam ao acervo procurando suas referências culturais, mas também procurando entender o mundo lá fora. Por outro lado, o processo intercultural de saberes foi marcante, na medida em que narravam seus processos cosmológicos fomos percebendo que a leitura para os tradicionais não é apenas para “melhorar a vida”, “passar de ano”, “adquirir letramento”, mas também uma oportunidade de registrar as coisas da alma que estão segredadas na sabedoria de cada ancião.

Porém, algumas perguntas surgiram: Por que é tão difícil manter o lugar de ler funcionando de forma efetiva e sistematizada, com atividades e inter-relação entre escola e biblioteca? Quando as aldeias vão se emancipar do protecionismo de algumas Instituições (às vezes com má intenção)? Por que os Projetos que propõe dá voz para os tradicionais não recebe apoio devido de Prefeitura, Governos do Estado, Governo Federal e de políticos? Em que medida a legislação educacional é cumprida nesses lugares distantes? São algumas comprovações e perguntas que o desenvolvimento do Projeto levar a ler em lugares distantes têm trazido a partir do trabalho desenvolvidos em cidades, quilombos, comunidades ribeirinhas e aldeias indígenas.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João editores, 2012.

THIOLLENT, Michel; SILVA, Generosa de Oliveira. Metodologia de pesquisa-ação na área de gestão de problemas ambientais. RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 93-100, jan./ jun. 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas: Mercado das Letras, 1998.